

Lucca Simeoni Pavan
(Organizador)

As Teorias Econômicas e a Economia Aplicada 2

Atena
Editora
Ano 2019



Lucca Simeoni Pavan
(Organizador)

As Teorias Econômicas e a Economia Aplicada 2

Atena
Editora
Ano 2019



2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
T314	As teorias econômicas e a economia aplicada 2 [recurso eletrônico] / Organizador Lucca Simeoni Pavan. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (As Teorias Econômicas e a Economia Aplicada; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-7247-742-0 DOI 10.22533/at.ed.420190611 1. Economia. 2. Política econômica. I. Série. II. Pavan, Lucca Simeoni. CDD 330
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

É com muita satisfação que venho lhes apresentar a segunda edição do livro *As Teorias Econômicas e A Economia Aplicada*. Nesta nova edição, algumas das características se mantiveram em relação ao primeiro volume. A diversidade regional e a ampla gama de formas metodológicas de se abordar estudos de economia são uma característica evidente neste livro e em sua primeira edição. As novidades são os temas que os artigos tratam.

Este livro se inicia com quatro artigos que de alguma forma tratam do mercado de trabalho e de como os trabalhadores se inserem na restante da sociedade. Estes artigos abordam questões como quais os efeitos de estruturas de produção e políticas econômicas sobre o bem estar dos trabalhadores, como políticas econômicas e choques exógenos afetam os nível de salários e as relações de trabalho. O desemprego é outro fator abordado entre estes artigos iniciais, principalmente o desemprego entre os mais jovens, pois nesta faixa etária, o nível de desemprego se mostra insistentemente maior se comparado à população economicamente ativa mais velha.

Outras questões abordadas aqui são: a relação entre publicação científica nas universidades e o desenvolvimento econômico; a relação entre crimes financeiros e seus impactos na economia, além da investigação dos determinantes de exportações de bananas. O primeiro se justifica pela evidente relação entre produção científica e desenvolvimento de uma sociedade. O segundo, engloba uma das questões mais destacadas na nossa sociedade atualmente que é o combate à corrupção, principalmente aos fatos ligados à operação lava jato. O último, ao tratar das exportações, nos fornece uma evidência empírica relevante e mais um exemplo de como se utilizar a econometria de séries temporais em estudos aplicados ao comércio internacional.

Portanto, aos interessados, apreciem esta nova edição, que com certeza, irá contribuir na formação de seus leitores, sejam eles da área de economia ou de qualquer outra área de estudo cujo pesquisador se interesse pelas questões aqui apresentadas.

Lucca Simeoni Pavan

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CRISE DO CAPITAL E OS IMPACTOS DA REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NA PRODUÇÃO DE CALÇADOS – REGIÃO DO VALE DOS SINOS/RS	
Haidée de Caez Pedroso Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.4201906111	
CAPÍTULO 2	13
UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE RIGIDEZ SALARIAL EM MODELOS MACROECONÔMICOS DSGE	
Lucca Simeoni Pavan	
DOI 10.22533/at.ed.4201906112	
CAPÍTULO 3	32
O CAPITAL INTELECTUAL SOBRE A ÓTICA DA TEORIA DA AGÊNCIA	
Tamires Almeida Carvalho	
André de Sousa Dourado	
DOI 10.22533/at.ed.4201906113	
CAPÍTULO 4	44
UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO E A JUVENTUDE BRASILEIRA: EM BUSCA DE NOVOS HORIZONTES	
Arlete Longhi Weber	
Laércio de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.4201906114	
CAPÍTULO 5	56
NOTAS SOBRE AS RECENTES PUBLICAÇÕES BRASILEIRAS EM UNIVERSIDADE E DESENVOLVIMENTO: UMA REPRESENTAÇÃO TRIENAL A PARTIR DA REVISÃO EM UMA BASE DE DADOS	
Anderson Correa Benfatto	
Miguelangelo Gianezini	
DOI 10.22533/at.ed.4201906115	
CAPÍTULO 6	72
CRIMES FINANCEIROS E SEUS IMPACTOS SOBRE A ECONOMIA: UMA ANÁLISE DA COLABORAÇÃO PREMIADA COM O CRIME DE LAVAGEM DE DINHEIRO	
Michele Lins Aracaty e Silva	
Paulo Ricardo Madeira Wendling	
Bernardo Silva de Seixas	
DOI 10.22533/at.ed.4201906116	
CAPÍTULO 7	94
DETERMINANTES DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE BANANA VIA VETORES AUTORREGRESSIVOS	
Weider Loureto Alves	
Sávio Medeiro Viana	
DOI 10.22533/at.ed.4201906117	

CAPÍTULO 8	105
RELAÇÕES CAPITALISTAS EM DESTAQUE NAS ANIMAÇÕES	
Carla Lima Massolla Aragão da Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.4201906118	
CAPÍTULO 9	118
UMA INVESTIGAÇÃO DA EVOLUÇÃO DA FORMAÇÃO DE <i>CLUSTERS</i> DE DESENVOLVIMENTO NO NORTE DE MINAS GERAIS ENTRE OS ANOS DE 2005, 2010 E 2015	
Raiane Benevides Ferreira	
Paulo Ricardo da Cruz Prates	
Luciana Maria Da Costa	
Tânia Marta Maia Fialho	
DOI 10.22533/at.ed.4201906119	
SOBRE O ORGANIZADOR	146
ÍNDICE REMISSIVO	147

O CAPITAL INTELECTUAL SOBRE A ÓTICA DA TEORIA DA AGÊNCIA

Tamires Almeida Carvalho

Cristo Faculdade do Piauí - Chrisfapi
Piripiri – Piauí

André de Sousa Dourado

Cristo Faculdade do Piauí - Chrisfapi
Piripiri – Piauí

RESUMO: O conceito de capital intelectual vem se tornando cada vez mais discutido no meio organizacional devido a sua relação com a estrutura competitividade das corporações. Nesse cenário, a teoria da agência oferece considerações interessantes que podem auxiliar na administração desse capital de forma a gerar competitividade para organizações. Essa relação conceitual justifica a relevância do estudo já que na conjuntura atual a informação tem se tornado um elemento chave para a manutenção e continuidade das atividades empresariais. A pesquisa tem como objetivo investigar a relação entre a escolha de agentes administrativos e o desenvolvimento do capital intelectual das empresas. O estudo se constrói através do método de pesquisa bibliográfica. Com isso, foi possível concluir que a teoria da agência, apesar de suas limitações pode auxiliar a empresa, já que o seu foco é voltado para a resolução de conflitos. E desse modo, a identificação, mensuração e desenvolvimento do capital intelectual pode se tornar mais

orgânica quando os conflitos internos são amenizados.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria da Agência, Capital Intelectual, Competitividade.

INTELLECTUAL CAPITAL ON THE OPTICS OF AGENCY THEORY

ABSTRACT: The concept of intellectual capital has become increasingly worked in the organizational environment, as it is directly linked to the structuring of corporate competitiveness, at a time in the market where information has become a key factor for the continuity of organizations. In this scenario, agency theory offers interesting considerations that may help in managing this capital in order to generate competitiveness for the organization. This conceptual relationship justifies the relevance of the study since in the current conjuncture, while information has become a key element for maintaining the continuity of organizations. This study aims to investigate the relationship between the choice of administrative agents and the development of the intellectual capital of companies. The study is built through the bibliographic research method. Thus, it was possible to conclude that the agency theory, despite its limitations, can help the organization, since its focus is on conflict resolution. And in

this way, the identification, measurement and development of intellectual capital can become more organic when company internal conflicts are alleviated.

KEYWORDS: Agency theory, Intellectual capital, Competitiveness

1 | INTRODUÇÃO

No contexto de crescente globalização, a economia confronta as empresas com inúmeros desafios, entre eles, a exigência do acesso ao conhecimento como condição para se atingir alta produtividade e competitividade (MATOS E LOPES, 2008). Dessa forma, entender a relação entre a materialização do capital intelectual no desempenho corporativo passa a ser uma problemática do interesse de todos, além de potencialmente ser capaz de beneficiar todo o mercado empresarial.

Nas últimas duas décadas, o debate sobre o capital intelectual foi ganhando relevância nos estudos organizacionais, dessa forma, a área de pesquisa empresarial foi sendo aprofundada gradativamente. O estudo revela que até o momento, as pesquisas têm se voltado para o papel das organizações e do conhecimento dos indivíduos ao incluir o capital intelectual composto como capital estrutural, relacional e humano, no processo de criação e expansão do complexo de informações que contribuem para o sucesso da empresa (NOVAS; ALVES; SOUSA, 2017).

Dentro desse grupo de competências, especialmente no capital humano, existe uma relação primordial para o sucesso da organização, que é relacionada ao dono da empresa (principal) e o administrador (agente) escolhido por ele para gerir as atividades empresariais. Esta relação bilateral e seus conflitos podem ser estudados, de forma aprofundada, pela teoria da agência e pode influenciar todo o desenvolvimento do capital intelectual de uma organização.

Dessa forma é possível utilizar essa teoria para entender alguns aspectos da evolução do capital intelectual das empresas. Sendo assim, este estudo investiga de que forma a seleção de agentes empresariais pode influenciar no desenvolvimento do capital intelectual das empresas. Tem como objetivo principal analisar a relação entre a escolha de agentes administrativos e o desenvolvimento do capital intelectual das empresas. O estudo se constrói através do método de pesquisa bibliográfica.

O tema se justifica a partir da necessidade de expansão da exploração científica por meio de estudos, que envolvam temas ligados à gestão, já que os estudos em contabilidade de cunho financeiro e gerencial demonstram uma tendência na comunidade acadêmica voltada para a abordagem da Teoria da Agência atrelada à eficácia empresarial, em artigos e teses de doutorado (SMITH, 2011). E ao associar essa teoria com o cenário empresarial da atualidade, onde o capital intelectual está em expansão conceitual e sua aplicação tem se tornado cada vez mais necessária no mercado competitivo, sua relevância se torna indispensável para contribuir com o desenvolvimento do conhecimento científico sobre o tema.

2 | TEORIA DA AGÊNCIA NA ATUALIDADE

A teoria da agência segundo Nascimento e Reginato (2008) estuda um fenômeno comum em empresas nas quais o proprietário não é capaz de atuar como gestor, devido ao porte das mesmas, já que nesse caso a centralização do processo decisório apenas no proprietário é inviável. Dessa forma, normalmente é contratado um administrador com habilidades alinhadas com as necessidades gerenciais da empresa. Nesse caso, o autor coloca que as decisões que antes cabiam ao proprietário, serão assumidas pelo gestor.

Assim, a teoria da agência investiga a relação entre as intenções do principal proprietário para com a empresa e o perfil do agente administrador ao gerir a empresa baseado em habilidades técnicas. A partir do momento que essa relação se estabelece, um contrato é firmado, onde o agente é incumbido de executar rotinas na empresa e o proprietário se compromete em remunerar o agente (ROCHA; PEREIRA; BEZERRA; NASCIMENTO, 2012)

Esta relação entre proprietário e agente é naturalmente conflituosa, já que ambos possuem motivações e objetivos normalmente diferentes (LOPES E MARTINS, 2007). O proprietário visa o lucro a partir do momento que as ações do agente contratado produzirem valores superiores a remuneração repassada a ele. E por outro lado, o agente se preocupa principalmente com a maneira como o valor recebido e os custos incorridos interagem, estabelecendo um cenário ideal onde o valor recebido seja maior que os custos incorridos (ROCHA; PEREIRA; BEZERRA; NASCIMENTO, 2012).

A teoria da agência aborda o conflito de interesses e assimetria de informações dentro das organizações e no relacionamento entre os diferentes atores organizacionais. Estes conflitos são fomentados por influências comportamentais que resultam em uma relação que envolve desconfiança e oportunismo, já que o individualismo pode sobrepor o contrato firmado entre proprietário e gerente, tornando a gestão antiética e pautada na realização dos objetivos pessoais do agente (JENSEN; MECKLING, 1976; RODRIGUES, 2013).

Os conflitos de agência se estendem não só ao proprietário e o agente, mas também envolve outras relações dentro do âmbito empresarial, como acionistas e credores. Dessa forma, as decisões dos acionistas, quando voltadas aos seus interesses próprios, podem prejudicar os credores de várias maneiras, tais como a relação do risco com a aplicação de capital de terceiros, a redução de investimentos com capital próprio em um momento onde a empresa apresenta elevado endividamento ou a retirada de volumes consideráveis de capital motivada por uma falência eminente. (ROCHA; PEREIRA; BEZERRA; NASCIMENTO, 2012)

Os conflitos geram os custos de agência, que podem ser definidos como o resultado do esforço do proprietário, de que o contrato com o agente seja cumprido em sua totalidade, dessa forma esses custos podem ser compreendidos como

ferramentas de controle com o escopo voltado para a satisfação dos interesses do proprietário por meio do trabalho do agente (MACHADO et al, 2015).

Os custos de agência são a soma de custos ligados ao monitoramento das ações do agente, dos gastos gerados pelo próprio agente ao demonstrar a qualidade de suas contribuições para a empresa, os custos ligados à elaboração e formatação dos contratos entre o principal e o agente, bem como as perdas residuais oriundas do encolhimento da riqueza do principal através dos conflitos entre as decisões do agente e as decisões voltadas à maximização da riqueza do principal (JENSEN; MECKLING, 1976).

Assim, o ponto mais importante da teoria da agência é compreender como se configura a relação entre contratantes e contratados, e os conflitos gerados a partir disso (MACHADO et al, 2015). Essa teoria baseada na relação bilateral de dois papéis da empresa divide-se em três abordagens principais, que segundo Baiman (1990) podem ser classificadas, na literatura sobre essa temática, em três vertentes: a principal-agente, a econômica de custo de transição e a modelo de Rochester, tendo como base o trabalho de Jensen e Meckling (1976) e a teoria positiva de Watts e Zimmermann (1979), sistematizadas no quadro abaixo:

	Principal-agente	Custos de Transação	O modelo Rochester
O indivíduo	Racional; Capacidade computacional ilimitada; Capaz de antecipar e avaliar contingências futuras.	Racionalidade limitada; Capacidade computacional limitada; Contingências futuras não podem ser todas previstas e nem incorporadas nos contratos	Racionalidade limitada; Capacidade computacional limitada; Contingências futuras não podem ser todas previstas e nem incorporadas nos contratos.
Os contratos	São abrangentes, completos e sem custo; Os contratos são precisamente aplicados; São aplicados contratos previamente acordados, mesmo que as partes renegociem-no futuramente.	São incompletos e imperfeitamente aplicados; Contingências previsíveis podem, por opção, não ser incorporadas aos contratos.	São incompletos, mas são ótimos dados os custos de transação; Contingências previsíveis podem, por opção, não ser incorporadas aos contratos; Mercados de capitais são eficientes e antecipam os incentivos de gestão;
Razão para divergências entre o comportamento cooperativo e autointeressado	O agente, que tem aversão ao trabalho e ao risco, possui informações privativas que o principal não acessa sem custo: Assimetria de informação Aversão ao risco do agente. Solução cooperativa pode ser possível.	O surgimento de um evento não contratado, em condições que o mercado permita, é explorado por cada parte oportunisticamente: Racionalidade limitada; contratos dispendiosos com aplicação imperfeita. Solução cooperativa pode não ser possível	Custos de transação resultam em uso de contratos incompletos e comportamento oportunístico os quais inibem a solução cooperativa e favorecem o comportamento autointeressado

Quadro 1. Abordagens da Teoria da Agência

Do ponto de vista econômico, a teoria da agência tem contribuído de forma relevante em relação às organizações, dentre essas contribuições, é possível destacar a integração de medidas de desempenho, orçamentos que envolvem o capital da empresa, a exploração de medidas não financeiras, avaliação do desempenho relativo atrelado à possibilidade da empresa ter caráter ativo diante dos rendimentos, alocação de custos e medidas adicionais de performance (BROMWICH, 2007).

Nesse caso, a teoria da agência é criticada em diversos aspectos de sua abordagem, já que apresenta situações problema incomuns. Em um primeiro momento a teoria sugere que os custos de agência são originados pela diferença de conhecimentos técnicos a respeito da gestão da empresa. Porque usualmente o principal deverá contratar um agente com aporte técnico suficiente para gerir a empresa, e o fato dessa disparidade de conhecimentos existir faz com que o principal se torne incapaz de avaliar as ações do agente e assim, acaba desencadeando mais custos de agência (NASSIF; SOUZA, 2013).

Em relação a métodos de abordagem, a corrente positivista tende a ser menos matemática e mais empírica, ao prever situações onde o agente possivelmente agiria de forma divergente dos objetivos do principal e promover ferramentas na organização que inibam esse tipo de comportamento por parte do agente (EISENHARDT, 1989).

Já a corrente principal-agente é estruturada sobre a construção de axiomas genéricos sobre a relação bilateral entre principal e agente. Em relação à sua literatura, a característica predominante são processos matemáticos, e o empirismo é pouco trabalhado, divergindo da teoria positivista (JENSEN; MECKLING, 1976). Ainda é possível pontuar que a literatura da corrente principal-agente é baseada no efeito de três aspectos contratuais entre as partes: a ambientação informacional da organização, as preferências de ambas as partes em relação ao contrato e a natureza das incertezas.

De um ponto de vista que envolva a economicidade, as três vertentes elencadas por Baiman (1990) possuem estruturas analíticas semelhantes para explicar as interações que englobam o principal e o agente, além de tratarem da perda de eficiência e dos processos para controlar essa perda. As disparidades conceituais se tornam evidentes principalmente nas hipóteses que explicam o comportamento do agente e sua relação com o sistema de incentivos da organização (BAIMAN, 1990). Na abordagem Principal-agente, a teoria da agente pode ser introduzida em qualquer cenário onde um principal contrate um agente para trabalhar a seu favor mediante relação contratual e rede de incentivos (OGDEN, 1993).

Do ponto de vista de alguns teóricos, uma crítica importante à teoria da agência é o fato de sua busca por um modelo de solução ideal para os conflitos e equilíbrio para os objetivos. Nesse sentido, Burns e Scapens (2000) argumentam que ao abordar os conflitos de agência dessa forma, essa metodologia não contribui para a compreensão de como a aplicação dessa técnica devem ser nas empresas, e também não oferece dimensionamento sobre a resistência à sua utilização. Outra

crítica comum à teoria da agência é o fato de que a assimetria é tratada como um fenômeno unilateral, dessa forma a teoria ignora o fato de que o principal também pode possuir informações desconhecidas pelo agente antes de firmar a relação contratual (WAWERU, 2010).

3 | CAPITAL INTELCTUAL E COMPETITIVIDADE

O Capital Intelectual exerce influência chave no processo de construção de vantagem competitiva pautada na inovação (TEECE, 2000). E a gestão de conhecimento, na atualidade pode ser reconhecida como uma atividade diretamente ligada ao crescimento e à manutenção do capital intelectual das empresas que visam incrementar sua vantagem competitiva.

A gestão do conhecimento e o capital intelectual são ideias distintas, porém estão conceitualmente conectadas, já que na literatura disponível sobre ambos, seus objetivos estão igualmente alinhados com o gerenciamento do conhecimento e sua influência na competitividade das empresas (ARGOTE; MCEVILY; REAGANS, 2003).

Internacionalmente, a gestão do conhecimento tem sido trabalhada na literatura científica voltada às rotinas e métodos de gerir o capital intelectual (SABHERWAL; SABHERWAL, 2005), ao mesmo tempo em que o capital intelectual é explorado a partir da natureza do conhecimento da empresas e seus aspectos diversos, além de analisar o seu impacto no desempenho empresarial (ROOS et al, 1998).

Já em território nacional, a literatura que aborda essas temáticas tem incluído na discussão fatos como a globalização e o desenvolvimento exponencial da tecnologia que fomentaram a gestão do conhecimento e o capital intelectual como domínio científico. E isso contribuiu para o surgimento de natureza acadêmica voltada para as organizações em diversas dimensões como o desempenho institucional, a sustentabilidade, o empreendedorismo e a própria inovação tecnológica (ARAÚJO, MOTTIN, & RESENDE, 2013).

O capital intelectual pode ser conceituado com o resultado da influência das teorias do conhecimento no ambiente empresarial, já que no cenário onde o conhecimento se encontra hoje, a vantagem competitiva tornou-se multidimensional a partir do momento em que a gestão clássica de ativos e passivos não é capaz de garantir a sua existência. Dessa forma, a disparidade entre o valor de mercado (manifestado no mercado de capitais avaliado sobre o potencial de desenvolvimento futuro da empresa) e o valor contábil (que se manifesta através de um método de contabilidade, quando o mesmo calcula o valor contábil de um investimento passado) denota a relevância do capital intelectual (TSENG et al., 2013).

Nessa conjuntura, o capital intelectual corresponde à competência empresarial aliada ao conhecimento, reunidos pela organização e construído internamente,

integrado como elemento patrimonial. Essa configuração agrega a esse elemento possibilidade de identificação, e registro próprio na contabilidade. Essa designação capital intelectual é utilizada para denominar todo patrimônio empresarial oriundo de cooperação intelectual advinda do conhecimento reunido com o passar do tempo, que tem papel indispensável para a operacionalização das empresas do mercado (SANTOS, 2009).

Para Coser (2012), o capital intelectual é classificado em três elementos conceituais diferentes: capital estrutural, capital relacional e capital humano. O capital estrutural pode ser definido como a parte tangível da organização, manifestada na estrutura da empresa, baseando-se em dados, manuais, patentes e rotinas. Já o capital relacional é entendido como a troca de experiências entre as pessoas e organizações, onde o conhecimento é derivado dessa relação. E o capital humano nada mais é do que o conjunto de habilidades que envolvem atitudes das pessoas, baseadas em conhecimentos que contribuem para o desenvolvimento da empresa (COSER, 2012).

No quadro abaixo é possível entender de forma sistematizada as diferenças entre as partes que compõem o capital intelectual.

CAPITAL HUMANO	CAPITAL RELACIONAL	CAPITAL ESTRUTURAL	
		PROPRIEDADE INTELLECTUAL	ATIVOS DE INFRAESTRUTURA
<ul style="list-style-type: none"> - <i>Know-how</i> - Educação - Qualificação vocacional - Conhecimento relacionado ao trabalho - Avaliações ocupacionais - Avaliações psicométricas - Competências relacionadas ao trabalho - Ímpeto empreendedorístico, inovatividade, capacidades proativas e reativas, mutabilidade 	<ul style="list-style-type: none"> - Acordos de franquias - Clientes - Fidelidade do cliente - Nomes de companhias - Pedidos em carteira - Canais de distribuição - Colaborações comerciais - Acordos de licenciamento - Contratos favoráveis 	<ul style="list-style-type: none"> - Patentes - Direitos autorais - Direitos de projeto - Segredos industriais - Marcas registradas 	<ul style="list-style-type: none"> - Filosofia gerencial - Cultura corporativa - Processos gerenciais - Sistemas de informação - Sistemas de rede

Quadro 2. Elementos do Capital Intelectual

Assim, através dessa sistematização conceitual, é possível conceber o capital intelectual como um elemento intangível de suma importância para o desenvolvimento de uma empresa no mercado, contudo, mesmo que a organização possua colaboradores engajados e de alto nível, de nada adianta se esse grupo trabalha de forma segmentada, sem interação ou troca de conhecimento. Dessa forma, para que a transformação dos bens intangíveis em ativos financeiros ocorra, essa interação é imprescindível dentro da organização (COSER, 2012).

O capital intelectual é uma temática que vem sendo cada vez mais trabalhada na literatura contemporânea da área de gestão e contabilidade, mas não é uma área

de pesquisa recente (NOVAS; ALVES; SOUSA, 2017; ANDREEVA; GARANINA, 2016; VERBANO; CREMA, 2016; MENDOZA, 2017). Segundo Mendoza (2017), o âmbito corporativo já entende a relevância dos ativos intangíveis e sua contribuição para o desempenho financeiro, seja para a manutenção da competitividade ou até mesmo a criação de valor para a empresa. Em contrapartida, ainda é comum existir empresas que não reconhece tais investimentos e se mantêm indiferente em relação aos seus benefícios econômicos.

4 | CAPITAL INTELECTUAL NA TEORIA DA AGÊNCIA

Em um contexto contábil, como coloca Ogden (1993), na teoria da agência as pesquisas têm como ponto de partida a premissa de que os gerentes são exclusivamente movidos por interesses, dessa forma, nunca seguirão os interesses do principal de forma natural, seguindo esses objetivos de forma compromissada.

Nesse sentido, o fato da teoria da agência se concentrar em resolver conflitos, coloca sua aplicação diante do dilema dos interesses unilaterais e de modo geral, o que pode ser considerado como o melhor para a empresa. Visto isso, a linha de pensamento das pesquisas sobre esses conflitos tende a abordar os incentivos do contato para amenizar essas situações problema (Ogden, 1993).

Atrelado a essa situação bilateral conflituosa, existe o capital intelectual da empresa, que por ser um bem intangível, deve ser gerido de forma criteriosa, já que esse conceito vai além dos bens materiais da empresa, ao agregar conhecimento como um bem capaz de gerar valor. Dessa forma ganham características únicas que o tornam um ativo complexo de ser repostado em caso de perda. E, além disso, esse tipo de patrimônio possui dificuldade sem relação a sua mensuração, já que além do método supracitado, existem diversas maneiras de mensurar esse capital. (SCANTAMBURLO; DELGADO, D. S; CAVALHEIRO; KREMER, 2019).

Dessa forma, para que a empresa seja capaz de realizar essa mensuração da melhor forma possível, ou da forma mais adequada para a estrutura da organização é necessário que antes de tudo a empresa tenha interesse em reduzir todos os conflitos que possam atrapalhar a escolha desse método, e nesse cenário os riscos têm um papel importante na escolha do método. Como isso, a teoria da agência, com seu escopo voltado à resolução de conflitos, pode ser uma medida adotada de forma prévia na organização, já que os conflitos de agência influenciam diretamente na administração do capital intelectual. (VAZ; INOMATA; VIEGAS; SELIG; VARVAKIS, 2015)

Logo, ao ato de gerir o conhecimento envolve pensamento estratégico, já que na composição do capital intelectual existe o capital humano, que pode ser aplicado aos demais aspectos do capital da empresa de formas variadas, além de poder ser usado como fonte de planejamento, monitoramento e avaliação de todos os aspectos da organização (RAMALINGAM, 2006).

Nesta nova era de organizações que utilizam o conhecimento como elemento agregador de valor, o Capital Intelectual se destaca como um fator determinante de vantagem competitiva (BONTIS, 2001). Chendall (2007) aponta que uma contribuição importante que a teoria da agência oferece é uma melhora nas modelagens matemáticas, fomentadas por um desenvolvimento das habilidades ligadas à sua elaboração. Na contemporaneidade, a área contábil tem recebido diversas contribuições da teoria da agência ligadas ao entendimento em relação aos sistemas de controle gerencial (CHENDALL, 2007).

De forma geral, Antunes e Martins (2007) comentam que os estudos caminham sob duas vertentes principais, onde na primeira trabalha o conhecimento organizacional com o objetivo e aprimorá-lo através da gestão de pessoas que se caracterizam como detentoras do saber, e a segunda é voltada para o resultado da aplicação desse conhecimento nas organizações. Essa percepção indica que o capital intelectual vai além um conhecimento organizacional, mas trata-se de uma organização conceitual com o objetivo de gerar valor para na empresa (DAMEDA, 2008).

5 | CONCLUSÃO

A teoria da agência representa uma evolução na maneira de analisar as relações dentro da organização, já que tem um viés empírico atrelado ao seu objetivo matemático e quantitativo, e apesar de ter limitações, sua aplicação pode ser de fato, relevante para as empresas, já que analisa e avalia a relação entre o proprietário da empresa e o administrador, a qual, quando baseada na confiança e em incentivos contratuais suficientes pode trazer diversos benefícios competitivos para o cenário empresarial.

Outra teoria que pode ser aplicada nas empresas em busca de continuidade e competitividade é o Capital Intelectual, já que seu objetivo é entender o valor de uma organização vai além da soma de seu patrimônio tangível, já que o conjunto de conhecimentos que fazem o diferencial da empresa também se configura com valor e é o diferencial que fomenta os diferentes níveis de competitividade das organizações. Apesar de suas dificuldades de mensuração, sua estrutura conceitual pode contribuir positivamente para as empresas no cenário atual.

Porém, para que o capital intelectual da empresa seja tratado com ponto chave da competitividade corporativa, é necessário que a organização atue em uníssono para que seus objetivos sejam alcançados. E nesse cenário, a teoria da agência pode ser uma ferramenta para identificar possíveis conflitos entre os integrantes da empresa, principalmente em cargos de gerência.

REFERÊNCIAS

- ANDREEVA, T; GARANINA, T. Do all elements of intellectual capital matter for organizational performance? Evidence from Russian context. **Journal of Intellectual Capital**, v.17, n.2, p. 397-412, 2016.
- ANTUNES, M. T. P; MARTINS, E. Capital intelectual: seu entendimento e seus impactos no desempenho de grandes empresas brasileiras. **BASE – Revista de Administração e Contabilidade**, São Leopoldo, v. 4, n. 1, p. 5-21, 2007.
- ARAÚJO, R. P., MOTTIN, A. P., REZENDE, J. F. C. Gestão do conhecimento e do capital intelectual: mapeamento da produção acadêmica brasileira de 1997 a 2011 nos encontros da ANPAD. **Organizações&Sociedade**, v. 20, n. 65, 283-301, 2013.
- ARGOTE, L., MCEVILY, B., REAGANS, R. Managing knowledge in organizations: an integrative framework and review of emerging themes. **Management Science**, v. 49, n. 4, 571-582, 2003.
- BAIMAN, S. Agency Research in Managerial Accounting: A Second Look. Accounting, **Organizational and Society**, v. 15, n. 4, p. 341-371, 1990.
- BONTIS, N. Assessing knowledge assets: a review of the models used to measure intellectual capital. **International Journal of Management Reviews**, Malden, MA, v. 3, n 1, p. 41-60, 2001.
- BROMWICH, M. Economics in Management Accounting. In: CHAPMAN, C. S; HOPWOOD, A. G; SHIELS, M. D, **Handbook of Management Accounting Research**. Oxford, UK: Elsevier, 2007.
- BURNS, J; SCAPENS, R. W. Conceptualizing management accounting change: an institutional framework. **Management Accounting Research**, v. 11, n. 1, p. 3-25, 2000.
- CHENHALL, R. H. Theorizing Contingencies in Management Control Systems Research. In CHAPMAN, C. S; HOPWOOD, A. G; SHIELS, M. D, **Handbook of Management Accounting Research**. Oxford, UK: Elsevier, 2007.
- COSER, A. **Modelo para análise da influência do capital intelectual sobre a performance dos projetos de software**. Tese (Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- DAMEDA, A. N. **Experimento com leilões e avaliação de ativos pelo custo corrente para a mensuração do capital intelectual: uma aplicação nas empresas GAMA, GVDASA e SKA**, 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, RS, 2008.
- EISENHARDT, K. M. Agency theory: An assessment and review. **Academy of management review**, v. 14, n. 1, 57-74, 1989.
- JENSEN, M. C; MECKLING, W.H. Theory of Firm: Managerial Behavior. Agency Costs and Ownership Structure. **Journal of Financial Economics**, Rochester, v. 3, 1976.
- MACHADO, D. Q. et al. O Caso Barings: as Lições foram Aprendidas? **Revista Alcance**, v. 22, n. 2, p. 316-329, 2015.
- MATOS, F; LOPES, A. Gestão do capital intelectual: A nova vantagem competitiva das organizações. **Comportamento organizacional e gestão**, v. 14, n. 2, 233-245, 2008.
- MENDOZA, R. R. Relationship Between Intangible Assets and Cash Flows: An Empirical Analysis of Publicly Listed Corporations in the Philippines. **Review of Integrative Business and Economics**

Research, v.6, n.1, p.188-202, 2017.

NASCIMENTO, A. M.; REGINATO, L. Divulgação da Informação Contábil, Governança Corporativa e Controle Organizacional: uma relação necessária. **Revista Universo Contábil**, v.4, n. 3, p. 25-47, 2008.

NASSIF, E; SOUZA, C. L. Conflitos de agência e governança corporativa. **Caderno de Administração. Revista do Departamento de Administração da FEA**. v. 7, n.1, 2013.

NOVAS, J. C.; ALVES, M. C.; SOUSA, A. The role of management accounting systems in the development of intellectual capital. **Journal of Intellectual Capital**, v.18, n.2, p. 286-315, 2017.

OGDEN, S. The limitations of Agency Theory: the case of accounting-based profit sharing schemes. **Critical Perspectives on Accounting**, v. 4, n. 2, p. 179-206, 1993.

RAMALINGAM, B. **Tools for knowledge and learning: A guide for development and humanitarian organisations**. London: Research and Policy in Development Programme, 2006.

ROCHA, I; PEREIRA, A. M; BEZERRA, F. A; NASCIMENTO, S. Análise da produção científica sobre teoria da agência e assimetria da informação. **REGE**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 327-340, 2012.

RODRIGUES, A. A. D. O. N. Uma análise comparativa entre a Teoria da Agência e aStewardship. **Revista Fafibe Online**, v. 6, 67-77, 2013.

ROOS, J. et al. Intellectual capital: Navigating in the new business landscape. New York, NY: **New York University Press**, 1998.

SABHERWAL, R.; SABHERWAL, S. Knowledge management using information technology: determinants of short-term impact on firm value. **Decision Sciences**, v. 36, n. 4, 531-566, 2005.

SANTOS, A. C. K. A. **A tutela jurídica do capital intelectual das sociedades empresariais**. Tese (Doutorado em Direito) -Programa de Pós-Graduação em Direito, Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, 2009.

SCANTAMBURLO, V. A; DELGADO, D. S; CAVALHEIRO, R. T; KREMER, A. M. Elementos formadores do capital intelectual no contexto das pequenas e médias empresas. **Revista Navus**, Florianópolis, v. 9, n. 2, 2019.

SMITH, M. **Research Methods in Accounting**. London: SAGE Publications, 2011.

TEECE, D. J. Managing Intellectual Capital: Organizational, Strategic, and Policy Dimensions. Oxford: **Oxford University Press**, 2000.

TSENG, C. Y; GOO, Y. J. J. Intellectual capital and corporate value in an emerging economy: Empirical study of Taiwanese manufacturers. **R&D Management**, v.35, n.2, p. 187-201, 2005.

TSENG, K. et al. Mediation of strategy on intellectual capital and performance. **Management Decision**, Bingley, v. 51, n. 7, p. 1488-1509, 2013.

VAZ, C. R; INOMATA, D. O; VIEGAS, C. V; SELIG, P. M; VARVAKIS, G. Capital intelectual: classificação, formas de mensuração e questionamento sobre usos futuros. **Revista Navus**, Florianópolis, v. 5, n. 2, 2015.

VERBANO, C.; CREMA, M. Linking technology innovation strategy, intellectual capital and technology innovation performance in manufacturing SMEs, **Technology Analysis & Strategic Management**, v.28, n.5, p. 524-540, 2016.

WATTS, R. L.; ZIMMERMAN, J. L. The Demand for and Supply of Accounting Theories: The Market for Excuses. **The Accounting Review**, v. 4, n. 2, p. 273-305, 1979.

WAWERU, N. M. The origin and evolution of management accounting: a review of the theoretical framework. **Problems and Perspectives in Management**, v. 8, n. 3, p. 165-182, 2010.

SOBRE O ORGANIZADOR

LUCCA SIMEONI PAVAN - Doutor em Desenvolvimento Econômico pela UFPR. Mestre em Teoria Econômica pela Universidade Estadual de Maringá. Graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Londrina (2009). Professor do DAMAT na UTFPR-CP. Descreve como áreas de preferência, macroeconomia aplicada e modelagem macroeconômica, métodos quantitativos e computacionais.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise fílmica 105

Animação 105, 106, 108, 112, 115

B

Banana 94, 95, 96, 99, 100, 101, 102, 103

C

Capital Intelectual 32, 33, 37, 38, 39, 40, 41, 42

Capitalismo 1, 2, 9, 51, 53, 105, 106, 122

Cinema 105

Colaboração Premiada 72, 73, 74, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Competitividade 7, 11, 25, 32, 33, 37, 39, 40, 58, 67

Consumismo 105, 106, 110, 115

Crimes Financeiros 72, 74, 75, 86

D

Desenvolvimento socioeconômico 56, 57, 58, 62, 118, 119, 125, 131, 140

Dinâmica 3, 7, 9, 12, 13, 17, 21, 22, 25, 27, 45, 57, 63, 97, 118, 122, 124, 125, 126, 142

E

Educação 38, 44, 45, 46, 47, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 69, 70, 119, 120, 131, 132, 133, 134, 137, 138, 140, 141, 142

Exportação 7, 8, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104

I

Instituições de Educação Superior 56, 57

J

Juventude 44, 45, 47, 51, 111

L

Lavagem de Dinheiro 72, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

M

Macroeconomia 13, 15, 73

Micro 1, 2, 4, 5, 7, 8, 10, 11, 12, 30

P

Pequenas empresas 1, 2, 5, 7, 8, 11

Pesquisa bibliográfica 1, 2, 32, 33, 56

Q

Questão social 1, 2, 11, 12

R

Reestruturação produtiva 1, 3, 8, 9, 45, 54

Rigidez 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29

S

Salários 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 61, 131, 134, 135

Sindicato 1, 10, 11

T

Teoria da Agência 32, 33, 34, 36, 37, 39, 40, 42

Trabalho 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 35, 38, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 62, 66, 68, 74, 86, 90, 94, 96, 103, 105, 109, 119, 121, 124, 129, 131, 135, 142, 143

V

Vetor Autorregressivo 94

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-742-0

